

O PENSAMENTO ECUMÉNICO DE AGOSTINHO DA SILVA



Luís Carlos dos Santos

Este texto que agora aqui se publica foi apresentado no Colóquio Internacional Agostinho da Silva, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (16/17-2-2016), onde se assinalaram os 110 anos do nascimento do Professor. A comunicação no Colóquio saiu de uma investigação exaustiva que fizemos sobre o pensamento de Agostinho da Silva e que se traduziu na nossa tese de doutoramento subordinada ao título de “Agostinho da Silva: Filosofia e Espiritualidade, Educação e Pedagogia”, com dissertação feita em Julho de 2015 e publicada em livro no início de 2016. Note-se, no entanto, que fruto de posterior revisão, o texto inicial que se proferiu sofreu pequenas alterações para que aqui se desse melhor compreensão de algumas ideias que no Colóquio se expressaram.

1. O Professor Agostinho da Silva nasceu em 1906 e o seu desaparecimento físico deu-se em 1994. Para melhor compreensão deste nosso texto dividiremos a sua vida em 3 três grandes períodos: O primeiro, entre o seu nascimento e 1944, até aos 38 anos de idade, passado na sua maior parte em Portugal; o segundo, entre 1944 e 1969, marcado por um autoexílio forçado no Brasil; e o terceiro, entre 1969 e 1994, que decorre entre o regresso a Portugal e o fim da vida.

O adolescente Agostinho da Silva, desde que entra para o liceu Rodrigues Freitas, no Porto, foi sempre um aluno de exceção e logo aqui se revelou um escritor compulsivo. Dado o reconhecido jeito para as letras, haveria de ingressar no ensino superior na Faculdade de Letras do Porto, criada em 1919 por Leonardo Coimbra. Aqui fez estudos entre 1924 e 1929, tendo concluído licenciatura em Filologia Clássica, em 1928, e logo o doutoramento no ano seguinte, altura em que contava 23 anos de idade, tendo, então, apresentado Tese intitulada “O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas”, onde desenvolveu crítica a Oswald Spengler sobre a noção de tempo histórico.

Tendo como centro as civilizações antigas, a sua formação revela nestes primeiros tempos uma nítida influência dos autores clássicos no seu pensamento, nomeadamente, dos principais filósofos gregos, a partir dos quais vai consolidando o seu devir filosófico.

Dos anos que passou na Faculdade de Letras do Porto, o nosso autor deixou-nos testemunho dos Professores que mais o marcaram na sua formação. Entre eles, destacamos os dois mais importantes, Teixeira Rego e Leonardo Coimbra.

O primeiro, Teixeira Rego, um autodidata, com habilitações académicas ao nível do ensino básico, mas que dada uma larga erudição acabou por chegar a Professor desta Faculdade. A sua obra mais importante, intitulada “Nova Teoria do Sacrifício”, justifica o trágico destino humano depois da “queda do paraíso”, de acordo com o mito bíblico, associado ao início do consumo de carne animal pela humanidade. Muito provavelmente terá constituído Teixeira Rego uma das principais influências pela opção alimentar vegetariana que Agostinho sempre preferiu e que terá sido também, porventura, uma das importantes premissas das suas ideias.

O segundo, Leonardo Coimbra, seu Professor de Psicologia e Filosofia, com o qual Agostinho manifestou inicialmente absoluta antipatia, a ele e por arrasto à Filosofia, com a qual só se viria a reencontrar mais tarde pelos princípios da década de quarenta. Todavia, esta inicial rejeição do consagrado Leonardo Coimbra, refira-se, duas vezes Ministro da Instrução em Portugal, fundador da própria Faculdade de Letras do Porto, cofundador do Movimento da Renascença Portuguesa, haveria de dar lugar a um relacionamento mais próximo e a nítidas influências do filósofo, e do seu “criacionismo”, na consolidação das ideias do nosso autor.

Sobretudo, a partir da sua obra “A Dor, a Alegria e a Graça”, conceitos caros a Agostinho, onde se faz a apologia do cristianismo primitivo e se o liga aos movimentos libertários e anarquistas da época. É desta altura, entre 1926 e 1929, a participação que Agostinho vai manter com *A Águia*, a Revista do Movimento da Renascença Portuguesa, onde também estiveram, para além de Leonardo Coimbra, António Sérgio, Jaime Cortesão, Teixeira Pascoaes e até Fernando Pessoa, entre outros.

Mas o autor que mais influencia o pensamento do nosso Professor neste primeiro período é, sem dúvida, António Sérgio. Com ele coexistiu no movimento seareiro e na revista *Seara Nova*; com ele viveu de perto em Paris (1931-1933) e em Madrid (1935-1936), onde Sérgio estava como exilado político e Agostinho como bolseiro; e, por solidariedade com ele, abandonaria a *Seara Nova*, tendo ambos, a partir daqui, integrado um grupo que se passou a reunir nos designados “Encontros de Sábado”, em casa de António Sérgio, entre os anos de 1939 e 1943. Estes “Encontros” foram considerados por Agostinho da Silva como a sua segunda Faculdade. As outras personalidades que ali mais marcaram presença para além de António Sérgio e Agostinho da Silva, foram Álvaro Salema, Fernando Rau, Pedro Nascimento e Castelo Branco Chaves, o grupo forte entre vários outros que por lá passaram.

É na sequência desses “Encontros de Sábado”, liderados por António Sérgio, que Agostinho da Silva vai criar e dinamizar o Núcleo Pedagógico Antero de Quental, um período que fica marcado por uma intensa produção literária, associada a forte intervenção cultural e cívica. Um projeto em que foi publicando dezenas de “Cadernos de Informação Cultural” subordinados a temáticas muito variadas, de larga distribuição por todo o país, e que permitia também ir assegurando a sua subsistência económica, pois tinha sido expulso do Liceu Nacional de Aveiro e proibido do exercício docente público no país, desde 1935, por se ter recusado a assinar a famosa “Lei Cabral”.

Reconhecemos algumas influências de António Sérgio no pensamento do nosso autor, sobretudo, no plano pedagógico e no ativismo político. Recorde-se que António Sérgio foi bolseiro de investigação no Instituto Jean-Jaques Rousseau, em Genebra, onde foi colega de Édouard Claparède e de Adolphe Ferrière, dois dos grandes entusiastas do Movimento Internacional da Educação Nova. Por esta via, chegou Sérgio a dirigir a secção portuguesa do movimento, tal como chegou a ministro da instrução de Portugal, em 1923, tendo participado ativamente nas reformas educativas do país durante a primeira república. Ora, a simpatia e a militância que Agostinho da Silva sempre vai revelar ao longo da vida com este movimento pedagógico, e o sonho que alimentou de abrir a expensas próprias uma “escola nova”, não terá sido estranho ao longo convívio com Sérgio.

De resto, todo este amplo período de convívio entre ambos caracterizou-se, no nosso Professor, por uma grande produção de textos sobre pedagogia e inovação pedagógica, onde se pode traçar uma linha diacrónica que vem de Montaigne, passa por Rousseau, Pestalozzi, Tolstoi, Maria Montessori, Alexander Neill, entre muitos outros, até chegar ao próprio António Sérgio. Refira-se, no entanto, que a produção literária e ensaísta foi nesta altura tão abundante que em muito extravasaram essas suas inquietações pedagógicas.

Quanto ao pensamento filosófico de Agostinho, é durante este período que se verifica uma rutura com a dominância que os autores clássicos exerciam nas suas ideias, acabando por reconhecer uma certa supremacia que o cristianismo apresenta face ao espírito clássico, pois que via nele uma dimensão universal da conceção do Amor fraterno que nele não se verificava. Esta transformação filosófica e espiritual que Agostinho passa a revelar datam da publicação nos referidos “Cadernos de Informação Cultural” dos textos “Cristianismo” e “Doutrina Cristã”, respetivamente publicados em 1942 e 1943, que vão também implicar uma rutura definitiva com o regime político que mandava no país. Acaba por ser preso e a única saída pos-

Iniciação
Cadernos de informação cultural

A Vida e a Arte
de
Courbet



Lisboa
1942

sível é a fuga para o autoexílio no Brasil, corria o ano de 1944.

2. Agostinho da Silva no Brasil, longe dos problemas políticos de Portugal, como o próprio diz, vai ser outro. Conhece Judith Cortesão, filha de Jaime Cortesão, também ele exilado político no Brasil, com quem constitui família em segundas núpcias. Depois de viver perto de dois anos no Uruguai e na Argentina, acaba por fixar residência no Brasil, em 1947. Neste período os amigos mais próximos, entre outros, foram o filósofo Vicente Ferreira da Silva e sua mulher, a poetisa Dora Ferreira da Silva, com os quais muito partilhou vivências e estudos.

Nesta altura é de salientar o trabalho que exerce na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, a convite de Jaime Cortesão, ao mesmo tempo que recomeça a atividade docente na Faculdade Fluminense de Filosofia.

Situa-se aqui (1948) o início de uma longa carreira e vastíssima obra que o nosso Professor vai realizar no Brasil. Nos próximos vinte anos, Agostinho da Silva vai percorrer vários Estados do país e lecionar em outras tantas Faculdades. Rio de Janeiro, Paraíba e Pernambuco, Santa Catarina, São Salvador da Bahia, Brasília e Goiânia, são cidades onde vai lecionar e nalguns casos participar na instalação de universidades. Paralelamente vai criar centros de investigação, como foram os casos do Centro de Estudos Afro-Orientais, do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses e do Centro de Estudos Brasileiros, respetivamente, nas Universidades Federais da Baía, de Brasília e de Goiás. Em Santa Catarina assumiu também o cargo de Diretor da Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Governo Estadual, tal como quando está em Salvador da Baía, chega a assessor do Presidente do Brasil Jânio Quadros, cabendo-lhe participação de apreciável importância nas relações externas do Brasil, nomeadamente com os países africanos que lhe interessavam particularmente.

Mas regressemos ao período em que colabora com Jaime Cortesão na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Agostinho já conhecia o médico, historiador, de Portugal. Ambos colaboraram com *A Águia* e a *Seara Nova*, estiveram juntos em Paris e ter-se-ão cruzado nos “Encontros de Sábado” em casa de António Sérgio. Por fim, no Brasil, para lá da convivialidade e dos estudos, a sua relação com ele, como se disse, ganhou também vínculo familiar.

Jaime Cortesão encontra-se entre os autores que mais terão influenciado Agostinho da Silva, nomeadamente na admiração pelo espírito franciscano e na prerrogativa filosófica de valorização do “ser” em detrimento do “ter”, mas, sobretudo, pela dimensão altamente significativa que reconhece na organização da sociedade medieval portuguesa.

A partir daqui, sempre o comunitarismo medieval português será enaltecido e colocado acima dos tempos renascentistas, já que estes se associam ao triunfo de um liberalismo político e à índole de uma economia capitalista que a seu ver, em vez de libertar acabam por escravizar, fonte de dura exploração do homem, e logo, de uma pobre dimensão fraterna de vida. Tal como também é nesta altura que começa a sobrevalorizar o culto popular do Espírito Santo, instituído em Portugal no século XIII, no reinado de D. Dinis e Isabel de Aragão, com seu ideário divino de total abrangência para diferentes credos ou pessoas, em que deuses e homens se sentam juntos à mesa, abordado como exemplo ideal a partir do qual começa a pensar o provir do país, e do mundo. Um Deus a que todos podem aceder e onde todos cabem, ou não se pensasse que Deus não é mais que o mundo sendo, não só o homem, pois que Agostinho não subscreve a ideia de um mundo antropocêntrico, em que o homem pode dispor a seu belo prazer dos elementos naturais, desde logo a começar pelos animais.

Por outro lado, o culto popular do espírito santo, tal como também acontece no ideário educativo da “Educação Nova”, e constitui referência elevada na mensagem cristã, exalta a importância da natureza da criança, pois que no culto é a criança o alvo da coroação como

simbólico imperador do mundo, o que assegura inteira coerência, no nosso autor, entre pensamento pedagógico e dimensão espiritual.

Neste período, paralelamente às influências de Jaime Cortesão, ganha principal significado no nosso autor, a ideia de luso-tropicalismo, de Gilberto Freyre. O Brasil vai tornar-se, em Agostinho, o contemporâneo parceiro ecuménico por excelência daquele Portugal medieval que proclamava o Reino do Paráclito, até porque depois da proibição e, com o tempo, da quase completa extinção do culto no nosso país, passara a ser o Brasil a sua principal sede de ritualização. O nosso autor chega mesmo a considerar que, não podendo Portugal, como “rosto da Europa”, liderar e continuar o Projeto de império que iniciara, talvez possa constituir o Brasil o seu porta-estandarte. De qualquer maneira, tal como defende no IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros realizado em São Salvador da Bahia, em 1959, deveria caber à comunidade luso-brasileira a missão de condução desse projeto ecuménico ao mundo.

3. Depois do seu regresso a Portugal, em 1969, esta ideia de missão ecuménica luso-brasileira vai-se tornar mais ampla, e mais do que Portugal ou o Brasil, é a Língua Portuguesa que se torna o seu principal referencial. Agostinho da Silva é um dos precursores da conceção de um Projeto Lusófono que junte países e comunidades, ideia que, como sabemos, de alguma forma, acabou por se materializar em 1996, com a criação da “Comunidade dos Países de Língua Portuguesa” (CPLP). O Professor, porém, não se fica exclusivamente pela Língua Portuguesa, e como a considera irmã do Castelhana, tal como das outras línguas ibéricas, sugere que se parta para a construção de uma Confederação Ibérica que partilhe objetivos comuns dando, assim, maiores possibilidades ao Projeto.

Para Agostinho, esse referido espírito peninsular medieval ter-se-á reaberto de novo em Portugal no século XX, centrado em dois movimentos simultaneamente complementares e opostos, como terão sido a Renascença Portuguesa e os seareiros, nas suas palavras, “o primeiro, sobre o signo da saudade, o segundo, sobre o signo da ação”.

Por outro lado, essa ideia de “sacralização” do mundo que se amplia a partir da Península Ibérica com a Expansão Ultramarina, está bem marcada nalguns autores portugueses, como são, particularmente, os casos de Luís de Camões nos *Lusíadas* e do Padre António Vieira com a sua ideia de “Quinto Império”, ideia esta que é retomada por Fernando Pessoa com renovados contornos.

Como diz Fernando Pessoa, um Império que será o “quinto”, porque fundirá os outros quatro que anteriormente existiram (grego, romano, cristão e europeu), de dimensão mundial e universal, com uma nova religião que sairá do cristianismo, mas que o transcenderá, e que o poeta designa de “Paganismo Superior” ou, para utilizar expressão do nosso autor, de “Politeísmo Supremo”.

Eis, então, a proposta essencial a que Agostinho chega algures no Brasil, durante a década de 50, que vai defender e desenvolver vida fora: o Império enaltecido na “Ilha dos Amores” dos *Lusíadas*, preconizado por Vieira e por Pessoa, será um império verdadeiramente “católico”, quer dizer, de acordo com a etimologia da palavra, universal, e caracteriza-se pelo advento da Idade do Espírito Santo, o consolador da esperança humana, tal como profetizara o evangelista S. João e idealizou o abade italiano Joaquim di Fiore. Em síntese, o “quinto império”, o império do Espírito Santo, um império de amor e de serviço.

Este Deus consolador que se refere é aquele que Cristo revela, a quem Agostinho reza na igreja, mas que não é o Deus das igrejas, antes O Deus que as une a todas e paira acima de todas. É um Deus a que podemos chegar se atingida a verdade. Um Deus íntegro, total, paradoxal, tudo e nada, imanência e transcendência, que junta tempo e eternidade, sem separação de



Criança sobre o Mundo, desenho de André Montanha (2019)

bem e mal, de homens e animais, de tudo o que existe. Um Deus que é, antes de mais, inefável, e é silêncio, que é *alogos* e não *logos*, onde ciência e filosofia, “saudades disfarçadas em raciocínio”, devem ajudar a atingir, mas não podem definir.

Numa fase de maior amadurecimento filosófico Agostinho da Silva, ao “catolicismo” de Vieira e ao “paganismo superior” de Pessoa, vai acrescentar uma dimensão orientalista, onde se juntam também, sobretudo, taoismo e budismo, que passam a fazer parte dos princípios filosóficos orientadores da desejável fusão ecuménica, sincrética, que dê, de novo, “novos mundos ao mundo”.

Em síntese, uma ideia de religião, onde caibam todas as religiões, mas também ateus e agnósticos, desde que à partida saibam aceitar todos os outros como se de si próprios se tratasse; uma ideia de país e de mundo onde através da educação se possa propor e ajudar a construir na terra um reino divino, ou seja, uma organização social que se caracterize por uma dimensão de serviço do bem comum, onde todos os homens possam velar por todos os homens e não pelo desenrasca de só alguns; afinal, uma ecuménica fraternidade espiritual em templo de paz global que é, ao mesmo tempo, um templo iluminado no interior de cada um.



Desenho e Pintura de António Couvinha